

# URUKU: UM BREVE DIÁLOGO SOBRE A VIDA MULTIESPÉCIE NA PESQUISA POÉTICA DE LUCIANA MAGNO<sup>1</sup>

URUKU: A BRIEF DIALOGUE ABOUT MULTISPECIES LIFE IN LUCIANA MAGNO'S POETIC RESEARCH

**Dayane da Silva Pinheiro**  
**PPGARTES-UFPA**  
**Rosângela Marques de Britto**  
**UFPA**

## Resumo

A pesquisa sobre a artista amazônida Luciana Magno objetiva analisar a produção da artista, sua poética, que desempenha o papel da abertura de algumas oposições - natureza-cultura; sujeito e objeto; humanos e não humanos, criando zonas de contato e rompendo relações binárias. O estudo teórico-empírico, de natureza qualitativa, envolve pesquisas bibliográfica, documental e de campo, no âmbito da pesquisa sobre Artes Visuais associada ao campo de estudos da vida multiespécie. Abordagem metodológica que delinea as relações entre as obras interpretadas e os conceitos-chave apresentados pelos autores Donna Haraway (2008), Jacques Derrida (2002) e Fábio Sússekind (2018). As conclusões apontam a necessidade de ruptura com os preceitos antropocêntricos de segregação humano-natureza, para a viabilização de interações simbióticas entre espécies no ecossistema.

## Palavras-chave:

Artes Visuais; vida multiespécie; performance; Urucum; Luciana Magno

## Abstract

*Research on the Amazonian artist Luciana Magno. It aims to analyze the artist's production, her poetics that plays the role of opening some oppositions, nature-culture, subject and object, humans and non-humans, creating contact zones and breaking binary relations. Theoretical-empirical study, of a qualitative nature and involves bibliographic, documentary and field research, within the scope of research on Visual Arts associated with the field of studies of multispecies life. Methodological approach that outlines the relationships between the works interpreted and the key concepts presented by the authors Donna Haraway (2008), Jacques Derrida (2002) and Fábio Sússekind (2018). The conclusions point to the need to break with the anthropocentric precepts of human-nature segregation, in order to enable symbiotic interactions between species in the ecosystem.*

## Keywords:

*Visual arts; multispecies life; performance; Urucum; Luciana Magno.*

## INTRODUÇÃO

Este artigo está vinculado ao projeto de pesquisa *Sujeitos estéticos femininos- Elieni Tenório e Luciana Magno: Rizomas de memórias e poéticas*. O tema desta pesquisa são as esferas da subjetivação estética feminina de Elieni e Luciana: que se trata de uma proposição de estudo de um recorte de gênero nos conceitos de Katya Mandoki (2007) “Sujeito estético” e “Subjetividade” aplicados aos femininos dentro das Artes Visuais. Esta pesquisa gira em torno da possibilidade de um estudo do fenômeno estético da subjetivação, entrelaçando as micro feminilidades das artistas materializadas em suas memórias, práticas artísticas e linguagens poéticas. E justifica-se na elementaridade de que discentes, pesquisadores (e/ou entusiastas) das Artes Visuais tenham acesso a mais materiais que tratem do recorte de estudos da Estética aplicados às reflexões sobre as subjetividades do Gênero Feminino nas Artes Visuais.

O estudo que se estende para a composição deste artigo dá enfoque ao diálogo acerca das visualidades poéticas da pesquisa poética *Uruku* (2021-presente) e da obra *Uatumã* (2023), da artista paraense Luciana Magno: um registro fotográfico de performance que se relaciona por meio das Artes Visuais, aos conceitos de vida multiespécie em discussão nesse texto. A obra é derivada da pesquisa *Uruku* (2021-presente) de Luciana Magno. Essa pesquisa trata-se de um misto de múltiplas experimentações artísticas, envolvendo os estudos do fruto do urucum,<sup>2</sup> dentro do recorte da linguagem da performance: vídeo, fotografia, desenho, pintura, etc. A partir disto, serão interrelacionados os relatos em primeira pessoa da artista em entrevista, à luz das teorias das vidas multiespécies, aplicados à análise da obra.

Dito isto, dando início a este diálogo, e fazendo um jogo de palavras com o título da obra de Donna Haraway (2008), observemos atentamente o que acontece no cenário das Artes Visuais “quando as espécies se encontram”.<sup>3</sup> Ademais, esta autora nos instiga a intuir pesquisas que busquem “saberes localizados”, o que requer outra compreensão

sobre objetividade das ciências, que envolve “o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso [...]” (Haraway, 1995, p. 36).

Nesse sentido, em ordem, serão observados na construção deste texto: 1) A base dos conceitos de vida multiespécie, sob a ótica dos escritos de Donna Haraway (2008), Jacques Derrida (2002) e Fábio Sússekind (2018); 2) Passando pelo esquadramento da criação antropocêntrica dos “Outros”<sup>4</sup> e a ruptura com a natureza; 3) A apresentação do cenário de criações artísticas pós-catástrofes (do contexto pós-pandêmico) em que Luciana Magno compõe performances que evocam a volta ao estado de simbiose<sup>5</sup> com o ecossistema. 4) A introdução ao conceito de “devir”,<sup>6</sup> de Deleuze e Guattari (2011), como um marcador das conexões intrínsecas multiespécies; 5) Por fim, as disposições e análises sensíveis da pesquisa poética *Uruku* (2021-presente) e da obra *Uatumã* (2023) de Luciana, relacionadas às ideias e conceitos anteriores.

## VIDAS MULTIESPÉCIES: MULHER E NATUREZA

Pensar as vidas das espécies é, antes, pensar o tempo. Estima-se que a vida na Terra date de cerca de 4 bilhões de anos; no entanto, há apenas 200 mil anos é datada a história da espécie humana sobre o planeta. O *homo sapiens* atravessou eras de transformações e seleções<sup>7</sup> em conjunto com a natureza; éramos um só, em simbiose com o bioma em constante renovação. Mas, após poucas eras de organizações sociais primordiais, a ruptura aconteceu: o *homo sapiens* inventou o humano, e, em consequência, criou também o “Outro”, o inumano. Dentro desse emaranhado de não humanidades, o humano adicionou tudo aquilo que seus olhos alcançavam para além do próprio reflexo, como esclarece Derrida (2002):

Esse olhar dito “animal” me dá a ver o limite abissal do Humano: o inumano ou o a-humano, os fins do homem, ou seja, a passagem das

fronteiras a partir da Qual o homem ousa se anunciar a si mesmo, chamando-se assim pelo nome que ele acredita se dar (Derrida, 2002, p. 30).

Esse “Outro” metamorfo era o animal, o mineral e o vegetal eram ainda os corpos celestes e os fenômenos da natureza. Mais tarde na história, o “Outro” era também o vizinho, o estrangeiro, o escravo, a criança e ainda, a mulher. E quanto ao homem, como anunciava a si mesmo? O homem passou a ler-se como sinônimo de divindade e dominação, e cabia ao “Outro-animal-vegetal-mineral-estrangeiro-escravo-mulher-criança, etc.” ser dominado. Mas de dentro desse emaranhado de “Outros”, extrairemos apenas dois que darão contornos a este texto - a mulher e a natureza. Na narrativa antropocêntrica, o homem intitulou-se como “O sujeito”, e às suas margens ele compôs o feminino, a figura da mulher nasce como um “não homem” e o seu existir é condicionado a permanecer na órbita masculina. Quanto a isso, Simone de Beauvoir (1970, p. 10-12) é enfática: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro [...] ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto”.

A natureza (tal qual a mulher), nasce ao ser nomeada como tal, na condição de “Outro”. Passa a existir enquanto “não humano”: um retrato da clássica dicotomia “homem e natureza”. “Natureza” passa a designar o que está “fora”, o “meio”, o “ambiente” onde a vida humana acontece. E esse reducionismo engole todas as minúcias, as vidas, as conexões e as culturas que se estabelecem entre as “espécies-outras-que-humanas” (Süssekind, 2018, p. 160).

Mulher e natureza ocupam o mesmo espaço do “não ser”, espécies estranhas desprovidas de singularidades, emudecidas, objetificadas, observadas e estudadas pelo homem. Porém, é nessa conjuntura de supressão que a ebulição comunicativa acontece: quando espécies destituídas de fala se encontram, as narrativas vêm à tona. Mas o que dizem? Como posso ouvir? Antes de confrontarmos-nos com essas questões conclusivas, é imprescindível delimitar qual das linguagens será a guia de

decodificação. Neste artigo será analisada a linguagem compartilhada por mulher e natureza, comunicando-se em sussurros na pesquisa poética de Luciana; seus relatos pessoais associados aos registros visuais em diálogo com a perspectiva da pesquisa *sobre Artes Visuais*<sup>8</sup> entrelaçado ao campo de estudos multiespécies.

Aos estudos multiespécies foi lançado, em 2016, na revista *Environmental Humanities*, um dossiê que circunscreve esse campo de pesquisa, contando com a apresentação intitulada *Estudos multiespécies: cultivando artes de atividade* (2016),<sup>9</sup> de autoria de Thom Van Dooren, Eben Kirskey e Ursula Münster. A reunião de textos apresenta uma diversidade de abordagens de pesquisas em áreas das ciências naturais, humanas, sociais, dentre outras. Uma fertilização cruzada entre várias abordagens. Neste sentido, o termo “espécies”, nos “estudos multiespécies”, expressa “modos de vida” particulares e qualquer reunião relevante de um conjunto de parentes e/ou tipos [...]. “Espécie” aqui não pretende, de maneira alguma, sugerir que os tipos são fixos ou homogêneos (Von Dooren; Kirskey; Münster, 2016, p. 169, grifo dos autores).

Donna Haraway, em entrevista concedida a Rick Dolphijn (2023), narra acerca das intra-ações entre arte, ciências e vida. Estes temas têm estado em sua agenda de pesquisa e vêm ressoando em muitos artistas contemporâneos e processos curatoriais. Haraway vem empregando esforços em pesquisas além das “oposições modernistas, como natureza-cultura, sujeito-objeto, tecnologia e vida, e o papel principal que a arte contemporânea desempenha na abertura dessas oposições continua a nos intrigar e até mesmo explicar o tipo de ativismo em ação nas obras de arte” (Dolphijn, 2023, p. 108).

E, nesse ínterim, à luz dos estudos da vida multiespécie de Donna Haraway (2008), Jacques Derrida (2002) e Fábio Süssekind (2018), que são os autores a partir dos quais lançamos os filtros analíticos sobre a criação poética e a comunicação entre espécies contidas na pesquisa *Uruku* (2021-presente)

e na obra *Uatumã* (2023), da artista paraense Luciana Magno, atravessada por circunstâncias catastróficas que distanciam ainda mais as relações humano-natureza. A seguir apresentaremos discussões em torno da artista Luciana Magno, sua poética e o contexto de criação de obras no período pós-pandemia do Coronavírus.

No dia 26 de fevereiro de 2020 foi noticiado o primeiro caso confirmado de Coronavírus no Brasil (Ortis; Oliveira, 2020). Olhar para cinco anos atrás, com o arcabouço de experiências traumáticas que construímos durante essa metade de década, evoca um sentimento soturno e ambíguo de alívio pelo que já se passou, e o temor pelo que ainda pode vir a acontecer.

Como detalhado anteriormente, o homem rompeu seus laços com a natureza, como sintoma do antropocentrismo.<sup>10</sup> Os avanços tecnológicos e as transformações sociais acarretadas por estes foram pungentes nesse processo de ruptura, mas, nos últimos 10 anos, poucos eventos foram tão catastróficamente significativos para a segregação homem-natureza quanto a Pandemia da Covid-19. O medo da natureza invisível instaurou-se e foram pungentes as medidas protetivas contra um “inimigo” microscópico, escondido entre as partículas do ar. Vírus, bactérias, fungos etc. confundiam-se nas mentes da população, à medida que notícias falsas se propagavam instantaneamente. O isolamento social tornou as pessoas espectadoras do mundo, sem a necessidade de conexões reais com o meio; e a natureza que já era um “Outro” para a humanidade, passou a ser objeto não apenas de observação, mas de temor pós-pandêmico: “o que mais a natureza será capaz de fazer conosco?”.

Nesse cenário pouco atrativo para discussões a respeito das relações multiespécies, uma artista paraense caminha na direção oposta. Luciana Magno, artista do cenário da performance na Amazônia contemporânea, propõe em seus trabalhos a revisitação ao estado de simbiose com a natureza da qual nos apartamos enquanto humanidade. Enquanto mulher (ocupando o mesmo lugar do “Outro”

atribuído à natureza), Luciana estende o fio da comunicação entre espécies; e, por intermédio das Artes Visuais, abre a possibilidade para inferirmos que as respostas para as perguntas sobre “o que nos aguarda” não estão no pânico do distanciamento, mas na esperança de reconexão. Veremos adiante a proposta poética de Luciana e sua conexão direta com o que Sússekind se reporta como:

Que essa recusa esteja abrindo novas possibilidades de leitura e de escrita a partir de alianças não só com outros grupos humanos, mas com animais, plantas, fungos, microrganismos ou fenômenos climáticos, é o desafio que a experiência da vida multiespécie nos apresenta (Sússekind, 2018, p. 175).

O autor refere-se à construção de alianças com outros grupos (uma relação diferenciada entre humanos e não humanos), simbioses da mulher artista e a natureza. Aprofundaremos a seguir a pesquisa poética de Luciana Magno.

Nascida em Belém do Pará, hoje aos 38 anos ela é graduada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem pela Universidade da Amazônia, mestra em Artes pela Universidade Federal do Pará e doutora em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo, Luciana Magno é uma artista emblemática para a cena das Artes Visuais, dentro e fora dos limites da Amazônia, especialmente no que tange à manifestação artística da performance (tanto em vídeo quanto em fotografia).

Magno carrega em sua assinatura poética o estreitamento dos laços relacionais entre o humano e a natureza, de formas mais distintas. Suas performances são marcadas pela inserção e/ou indissociação do corpo feminino nu, tácito, em meio às reentrâncias do ecossistema que a absorve. Assim, a artista evoca a unidade primordial indivíduo-natureza, da qual o homem moderno persiste em distanciar-se. Quanto à sua indissociabilidade com o natural, a artista evidencia: “Nosso organismo é constituído da mesma matéria orgânica que está na terra, na folha de uma árvore, na pata da formiga” (Maneschky, 2017, p. 23-24 *apud* Magno, 2016, p. 2).

Para a compreensão mais íntima da fala de Luciana, voltemo-nos à ideia de vida multiespécie segundo Süsskind (2018). O autor defende esta como uma abordagem que distancia a definição de “vida” dos termos exclusivistas da vida humana e não toma a natureza como uma configuração exterior compartilhada por (ou a serviço de) grupos, culturas e organismos. Isto é, para o autor, a natureza multiespécie está separada da visão antropocêntrica de distanciamento e dominação do bioma.

Os movimentos da natureza visível, quando vistos sob as lentes das performances de Magno, evidenciam que as vidas em constante efervescência biológica pulsam na mesma frequência que o ritmo da existência humana:

Faz um tempo que eu trabalho pensando na questão da natureza, muito com essa tentativa de integração, [...] de pertencimento, assim, enquanto matéria orgânica mesmo, enquanto energia. Porque a gente cresce, nasce e aí mora dentro do tijolo; do concreto; dos edifícios e a gente tem essa sensação estranha de que o humano é separado do natural, quando [na verdade] a gente está junto. Quando o nosso corpo se vai, ele vai para terra, ele decompõe, ele retorna como matéria para isso! (Magno, 2024a).

O processo de decomposição que a artista sinaliza surge como um lembrete (mórbido aos nossos ouvidos cheios de ego antropocêntrico) de que não há hierarquia, divisão ou castas que separem a humanidade da inevitabilidade de que somos natureza, de que os átomos que constituem nossos frágeis corpos são os mesmos que compõem ao mesmo tempo as cadeias montanhosas colossais e o ser vivo mais ínfimo. Não existem “Outros” na biomecânica da vida, existem simbioses. E mesmo em um estado de recente catástrofe pandêmica, que catalisou o desejo do homem de isolar-se do bioma, a performance *Uatumã* (2023), de Luciana Magno, expõe em uma metáfora poética, que não há disparidades entre os fios de cabelo de uma mulher dispostos sobre um monte de urucum; e uma cadeia vulcânica (ver Figura 9). Como recurso visual, a artista lança seus longos cabelos de “lava” sobre o pequeno

monte, e, simbiótica, desaparece aos olhos do espectador por detrás do urucum, tornando-se vulcão.<sup>11</sup> A pesquisa poética de Magno demonstra que, em escala molecular, somos um.

Referente à poética da artista, esboçaremos a nossa percepção sobre a natureza simbiótica de seu devir (Outro - artista mulher e natureza) ou o que Haraway nomeia como teoria feminista dos “saberes localizados”, conhecimento situado e corporificado, que envolve uma “escrita feminista do corpo que enfatize metaforicamente a visão” (Haraway, 1995, p. 21), articulando, dentre outros, os(as) artistas “envolvidos em uma espécie de fabulação especulativa: *un expérience*<sup>12</sup> - tanto no sentido científico quanto no artístico” (Dolphijn *et al.*, 2023, p. 112).

Na natureza sem “Outros”, o que impera é a simbiose: as relações intrínsecas e mútuas entre os organismos. Essa mutualidade acontece nas “zonas de vizinhança”, que Deleuze e Guatarri (1997)<sup>13</sup> defendem quando exprimem a ideia de “devir”. Os dois filósofos franceses afirmam que: a partir das formas de um ser, do sujeito que é, dos órgãos que possui, ou das funções que exerce (ou seja, a partir das minúcias de cada organismo); o mais próximo do que é estar em “vias de devir” é extrair as partículas das constantes relações de movimento e repouso entre os corpos. Em outras palavras, observar com uma lente de aumento os movimentos das trocas mútuas e invisíveis nas interações entre os organismos na natureza é, também, observar as zonas de vizinhança onde os próprios organismos estão (e estarão) em permanentes vias de fazerem-se, ou seja, de devir.

Essas contínuas trocas são as representações físicas da profundidade dos vínculos na natureza. Os ininterruptos saltos dos elétrons entre os corpos que interagem entre si deixam suspensos no ar os desenhos das pontes invisíveis que unem todos os organismos. No entanto, é importante ressaltar que essa movimentação não é linear, e Luciana Magno nos convida a observar a beleza do caos molecular na formação e convívio dos corpos:

Então é nesse exercício do que é esse corpo, essa formação de carbono desse formato, né, células e tal; [interagindo] com essa outra formação de carbono que também são células de uma outra organização. Quando a gente vai ser formado embrião, como é que cada célula sabe o que ela tem que virar? Porque a gente é uma “maçarocada” de células multiplicando, multiplicando... e, de repente, uma vira um olho, a outra vira uma unha. No reino vegetal é a mesma coisa, como é que um sabe que vai virar uma cebola, ou uma flor, ou uma casca... então tem uma ordem muito estranha; existe uma organização dentro desse caos (Magno, 2024b).

Essa “ordem muito estranha” de que a artista fala é a chave do devir na natureza que suas obras exprimem. Da mesma forma que as partículas e células se organizam ao acaso na formação de uma mulher ou de um urucuzeiro, estes mesmos átomos e moléculas virão a ser quaisquer outras coisas em uma nova, estranha e única reorganização, um constante vir a ser: devir. As palavras de Magno harmonizam com as de Deleuze e Guattari (1997, p. 42): “Você tem a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de uma vida [...], de um clima, de um vento, de uma neblina, de um enxame, de uma matilha”. Na natureza simbiótica da arte de Luciana Magno, esquadriharemos visual e poeticamente os devires do corpo que é simultaneamente mulher, animal, vegetal, mineral, enxame, matilha, urucum etc. Vamos explorar essas análises a seguir, referente à pesquisa poética *Urucu* (2021-presente) e *Uatumã* (2023).

A seguir, apresentamos a análise da pesquisa em poéticas da artista Luciana Magno a partir da pesquisa sobre Artes Visuais e suas interfaces com o campo de estudos das multiespécies.

No contexto ainda recente da pandemia da Covid-19, em 2021, a artista Luciana Magno inicia a sua pesquisa poética *Urucu* (que se estende até o presente). Focada na observação, estudo e experimentação de diversos aspectos da planta urucum, dentro e fora dos limites da Amazônia, desde o plantio da semente, à produção e comercialização do colorau. Em suas buscas ainda são levantados os aspectos socioeconômicos dos meios de

produção em agricultura familiar, e ainda a produção de pigmentos naturais com a planta. Desse modo, os produtos da pesquisa se materializam na composição de pigmentos, desenhos, pinturas, performances artísticas e registros performáticos potentes (a exemplo de *Uatumã*, 2023) que exprimem com sutileza as particularidades fundamentais do conceito de multiespécie. Quanto ao início da própria pesquisa, a artista bem esclarece com seu relato e seus registros fotográficos iniciais:

Eu estou desenvolvendo no momento uma pesquisa sobre a produção de urucum no Brasil que não se limita aqui na região Amazônica. No Nordeste tem uma tradição muito grande, e na região do Crato, que é onde eu “estou mudando agora”, tem uma produção enorme de agricultura familiar de urucum. Então, é ainda desse exercício estético da tentativa de trazer esse corpo para essa natureza já transformada, aqui já moída, já misturada com fubá, então é nesse processo semi-industrial (Magno, 2025).

Em tupi-guarani “uru’ku” significa vermelho. Nativo da América Tropical, o urucuzeiro pertence à família *Bixaceae* e ao gênero *Bixa*. No bioma brasileiro a espécie mais frequente é a *Bixa orellana* L., em homenagem a Francisco Orellana (primeiro explorador espanhol a navegar o rio Amazonas). Mas a planta não é uma exclusividade brasileira, a beleza e as propriedades do urucum levaram o seu plantio a uma vastidão de localidades onde receberia os mais diversos nomes: no Peru e em Cuba, “bija”; no México, “axiote”; em Porto Rico, “anatto”; em Angola, “ditaque” e “kifasu”; na Guiana, “bixa”; na Alemanha, “Orleans laum”; na França, “rocouyer”; em Honduras, “analto”; em El Salvador, “guajachote”; na Venezuela; “notillo”; no Peru, “shambu”; na Bolívia “achiote”; na Inglaterra, “anatto-tree”; na Argentina, “urucu”; no Suriname, “roucou” e “koessewee”. No Brasil, essa planta é conhecida por “urucum” ou “urucu” (Franco; Silva; Cazé Filho *et al.*, 2008). Observemos nas figuras a seguir os detalhes do fruto dessa planta emblemática nas fotografias de Luciana Magno:



Figura 1 - Fruto do urucum (2023). Fotografia de Luciana Magno. Dimensões: 828 x 1472 pixels. Fonte: Instagram de Luciana Magno.<sup>14</sup>



Figura 2 - Sementes secas de urucum (2021). Fotografia de Luciana Magno. Dimensões: 1080 x 1346 pixels. Fonte: Instagram de Luciana Magno.<sup>15</sup>

Assim como outros frutos da natureza, o urucum passou a ser observado como interessante objeto de comercialização graças às suas propriedades medicinais, alimentícias e coloríficas. Dessa forma, dentro da máquina antropocêntrica, o urucum é resumido à sua funcionalidade; e a consequente capitalização de seus compostos orgânicos gera vastos lucros em escalas industriais, farmacêuticas, alimentícias e têxteis.

Na contramão, em sua pesquisa, Luciana dá protagonismo ao contato com o urucum em uma relação de trocas íntimas não exploratórias, remontando às raízes ancestrais de conexão com o fruto que fazia parte essencial da vida dos povos originários na América do Sul e Central (antes da colonização europeia). No que se difere da relação industrial, dentro dessas culturas o urucum é parte fundamental no processo de conectividade entre indivíduo e natureza por meio da religiosidade em cerimônias de iniciação, de danças e de festividades, bem como por meio da alimentação e da pintura. Distancia-se da relação de mercantilização do fruto por seu mero uso, uma vez que remonta ao estado de simbioses na natureza multiespécie por meio do sagrado e do simbólico. Em *Uruku* (2021-presente) (ver Figura 5), Luciana tangencia essa simbiose, mas por meio da sua linguagem poética em suas experimentações e estudos que resultaram na construção de obras potentes, dentre elas, a performance *Uatumã* (2023) (ver Figura 9).

Observemos a seguir os registros pessoais da artista de algumas de suas experimentações artísticas na pesquisa: na Figura 3 nota-se a personalidade do contato com o fruto; o estudo íntimo das propriedades do urucum, a manualidade poética de Luciana ao trabalhar técnicas do pigmento. Enquanto a Figura 4 representa o resultado inicial desse estudo: um esboço em aquarela intitulado *Estudos para performance 01* em que se nota a mesclagem da figura da artista à matéria do urucum em uma indissociabilidade visual simbiótica entre espécies.



Figura 3 - Pigmento natural de urucum produzido pela artista (2023). Captura de vídeo. Dimensões 640 x 1136 pixels.  
Fonte: Instagram de Luciana Magno.<sup>16</sup>



Figura 4 - *Estudos para performance 01*(2023). Aquarela em papel algodão de Luciana Magno. Dimensão: 19,50 x 14 cm.  
Fonte: Site de Janaína Torres.<sup>17</sup>

Como observado nas figuras anteriores, em suas experimentações Magno vai além de esquadrihar as possibilidades de meros “usos” industriais da planta para cumprir certos “propósitos” esvaziados. Em *Estudos para performance 01*, nota-se que em sua pesquisa poética Luciana busca estudar os cenários possíveis para “tornar-se com” o urucum: os estudos de sua pesquisa desaguam em produções visuais que prezam por visualidades que comunicam suas experiências pessoais com o bioma: intimidades, simbioses. No que tange à representação do urucum em suas obras, Luciana preza pelo “nós”.

Sobre os conceitos de “tornar-se com” e “nós” na vida multiespécie, Haraway (2008, p. 4-5, grifo da autora) defende que: “Ser um é sempre se tornar com muitos” - e continua “como seres comuns atados, eles também são sempre figuras criadoras de significado que reúnem aqueles que respondem a eles em tipos imprevisíveis de nós.” Dito em outras palavras, quando um indivíduo se reconhece de diferentes formas como parte integrante da natureza, proclamando-se “nós” com as espécies, ele é envolvido por esses seres criadores de significados e tornam-se atados. Ao atarem-se, é estabelecido o encontro das espécies companheiras e, como efeito deste ligamento, funda-se a relação interespecies que marcam a natureza humana. Quanto a isso, Haraway reitera:

Amarrar companheiro e espécie juntos em encontro, em consideração e respeito, é entrar no mundo do tornar-se com, onde quem e o que são é precisamente o que está em jogo. Em “Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species”, Anna Tsing escreve: “A natureza humana é uma relação interespecies (Haraway, 2008, p. 19).

Assim como no livro de Haraway (2008), atar também significa “dar um nó”, e Luciana encarna este ato em uma das performances de sua pesquisa poética. Resultado do *Estudos para performance 01*, Luciana compõe dois registros de performances em vídeo intitulados *Uruku - 2º ato* (2023) e *Uruku - 4º ato* (2025). Nas duas performances, a artista, após produzir o próprio pigmento macerado

de sementes de urucum, tingem seus cabelos com o produto, amarra seus pés em um tecido acrobático e, de ponta cabeça, pendulando como um pincel, ela pinta de vermelho um tecido de algodão cru sobre o chão. Atada pelos pés, pingando gotas de colorau vivo, Magno está também atada ao urucum em um “nó de nós” multi espécies. Sobre o processo detalhado, a artista compartilha:

Eu fiz uma tinta natural de urucum usando só produtos naturais: de aglutinador, eu usei a goma de tapioca; e como uma espécie de fixador e de anti bactericida, antifúngico, eu coloquei copaíba. Triturei o grão, tirei, coei a tintura. Isso porque eu ia utilizar (e utilizei) a tintura no meu próprio cabelo pra pintar, usando o corpo de cabeça pra baixo como um pincel. Eu fico pendurada num tecido acrobático, e aí eu uso o impulso do próprio corpo para pintar com o cabelo. Esse corpo está de cabeça pra baixo e o cabelo vira um “pincelzão”, assim, aí eu “taco” o cabelo dentro da tinta, depois vou pro tecido acrobático pra dançar com o corpo de cabeça pra baixo de um lado pro outro. E esse tecido que faz a pintura é um tecido de algodão feito aqui no Ceará (Magno, 2025).



Figura 5 - *Uruku* - 2º ato, de Luciana Magno (2023). Captura de vídeo. Dimensões 1080 x 1935 pixels.  
Fonte: Vimeo - Luciana Magno.<sup>20</sup>



Figura 6 - *Uruku* - 4º ato, de Luciana Magno, 2025. Captura de vídeo. Dimensões 1920 x 1080 pixels.

Fonte: Vimeo - Luciana Magno.<sup>19</sup>



Figura 7 - *Uruku 2*, de Luciana Magno (2023). Pigmento de urucum sob linho de algodão. Dimensões: 300 x 141 cm.

Fonte: Site de Janaina Torres.<sup>20</sup>

A pesquisa *Uruku*, de Luciana Magno, abre caminhos não somente para a observação poética e objetiva do processo de manuseamento do urucum; da fabricação do pigmento de colorau ou dos multusos artísticos destas técnicas e suportes. Viabiliza, também, a compreensão das pontes de contato que se

atam entre os organismos na natureza, nesse caso, artista e pigmento/mulher e vegetação. Em seus registros, observamos que Magno propõe uma sinergia visual orgânica sujeito-objeto por intermédio das simbioses humano-urucum.

Industrialmente, os subprodutos do urucum são produzidos em massa atendendo às demandas em larga escala do mercado. Desde o cultivo das sementes, articulam-se estratégias agrárias que visem maior lucro por colheita. A partir disto, diluem-se os elos orgânicos entre as etapas de produção. Maquinários específicos preparam o solo, dispersam as sementes, colhem os frutos e processam os grãos. Esteiras levam os produtos de uma ala a outra nas fábricas; mecanismos trituram, cozem e armazenam as mercadorias. Um conjunto de processos maquinicos que fazem com que o urucum (anteriormente vivo, orgânico, simbiótico) torne-se produto completamente esvaziado de suas origens; desconectado da natureza: resumido à sua mera função mercantil.

Em sua pesquisa poética, Luciana se distancia da óptica fabril de processamento do urucum, ao observar as minúcias orgânicas nos manuseamentos dessa planta. A artista se volta para os processos de conexões simbióticas entre os seres e o bioma que emergem no cuidado com o urucum e, posteriormente, no trabalho com o colorau. São intimidades orgânicas enfatizadas pelo modo de manipulação delicada que a artista investiga. Na imagem a seguir, notam-se detalhes do exercício delicado de Luciana: o manuseio pessoal; a produção em pequena escala; a experimentação atenta às minúcias das sementes.

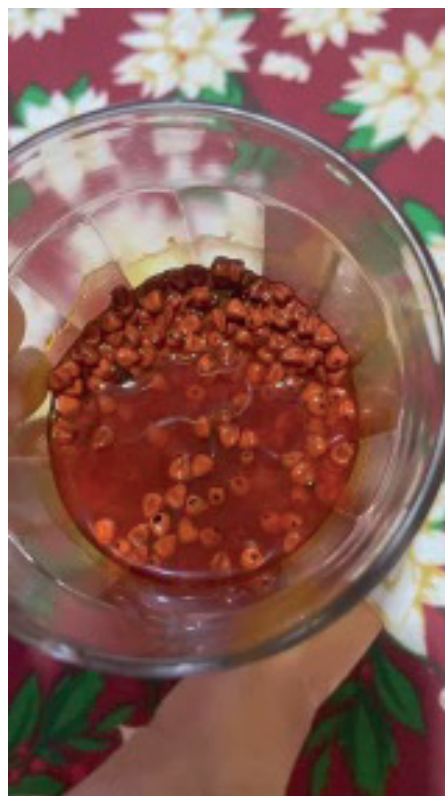


Figura 8 - Pigmento natural de urucum produzido pela artista Luciana Magno (2023).  
Captura de vídeo. Dimensões 640 x 1136 pixels.  
Fonte: Instagram.<sup>21</sup>

O manuseio cuidadoso do urucum traz à tona as intercomunicações de matérias orgânicas e inorgânicas por detrás das trocas no contato com esta planta: sob o pigmento macerado de colorau, entrelaçam-se inseparabilidades orgânicas entre os seres na natureza.

Sob a óptica das vidas multiespécies, o exercício do colorau é carregado de sutilezas ritualísticas que envolvem tempo e esmero: desde o plantio da primeira semente de urucum no solo, seguido pelo crescimento da planta e a sua floração que (em regiões chuvosas como na Amazônia) ocorre o ano inteiro. Após a gestação botânica, as mãos humanas colhem os frutos, retiram-lhes as sementes e espalham-nas sob o sol para secarem. Depois de dias de secagem, outros ingredientes naturais são adicionados às sementes secas, a depender da localidade e dos insumos à disposição, o urucum por vezes é misturado com fubá (como tipicamente feito no Nordeste do país), ou farinha de carimã, produto da mandioca comumente usada na Região Norte do Brasil. Feito isso, é realizada a torra da mistura, que

quando aquecida libera os óleos essenciais necessários para a intensificação do aroma, da cor e do sabor. Por fim, a pilhagem.

No pilão tudo se mescla em trocas mútuas: o tempo de espera da colheita; os raios de sol fotossintetizados; as moléculas que compõem as sementes de *Bixa orellana* L; os segredos gestacionais da botânica; os sussurros de culturas milenares; o sustento de grupos familiares inteiros; os movimentos da pasta vermelha macerada; o voo das partículas perfumadas, e a troca mútua dos elétrons entre a madeira (ou pedra) do pilão e a mão do humano. Tudo é natureza, tudo é “nós”.

*Uruku* é uma pesquisa estopim para diversas experimentações, dentre elas, este artigo destacará a performance *Uatumã* (2023). E por meio da análise poética e sensível desta obra, serão delineados artisticamente os entremeios simbióticos na natureza feminina, vegetal e vermelha de Luciana Magno.

No ano de 2024, dos meses de abril a junho, o Museu da Universidade Federal do Pará (Belém-PA) sediou a exposição *In Natura/In Vitro* sob curadoria de Mariano Klautau Filho e Nelson Sanjad. A premissa da exposição era o trabalho fotográfico do suíço Jacques Huber (1867-1914), botânico que atuou no Museu Emílio Goeldi, em ressonância com os trabalhos de artistas contemporâneos cujas criações dialogam com as dinâmicas entre corpo e natureza, dentre eles, Luciana Magno.

A exposição acima em conjunto com as duas exposições *Todo corpo em deslocamento tem trajetória*, exposta no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas e Galeria Fidanza (2024); e *À Escuta*, na Associação Fotoativa (2024); foram contempladas na 13ª edição do prêmio *Diário Contemporâneo de Fotografia* (2024). A premiação tem o intuito de fomentar e ampliar a coleção *Diário Contemporâneo*, contribuindo com a prática de renovação dos acervos de arte contemporânea dos museus parceiros da iniciativa. Como resultado disto, as três exposições foram compiladas na publicação *Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia: Todo corpo em deslocamento tem trajetória* (2024), organizado por Mariano Klautau Filho, com textos de Mariano Klautau Filho, Lívia

Aquino e Nelson Sanjad.

Na publicação destaca-se a obra referente às análises sensíveis a serem feitas neste artigo: *Uatumã* (2023), de Luciana Magno. Antes de quaisquer interpretações externas a serem feitas sobre a performance da artista, vejamos o que a própria relata a respeito da sua produção:

O *Uatumã*, assim, acho que ainda não se configura como uma série, mas talvez tenha sido o início de uma série de pesquisa sobre pequenas produções agrícolas, pequenos produtores. E aí nesse caso é meu interesse em cima da produção de urucum. Não sei se a obra que você viu é um “vulcãozinho” de urucum, né? Então o *Uatumã* faz parte dessa pesquisa que ainda está em processo, meio em suspensão (Magno, 2025).

A performance *Uatumã* (também intitulada *Performance 02* da pesquisa *Uruku*), dialoga com o pressuposto de inseparabilidade do indivíduo humano com a natureza. Aqui, o significado de “natureza” se expande nos conceitos de vegetação, território, cultura, subsistência, dentre outros (Ver a Figura 9, o registro fotográfico da performance *Uatumã*).

Próximo ao rio Amazonas, está São Sebastião do Uatumã, município ribeirinho do estado do Amazonas. Parte da sua subsistência vem do afluente da margem esquerda do rio Amazonas, o rio Uatumã. Buscando as raízes de significados para o título da performance, há fontes que afirmam que *Uatumã*, na língua tupi-guarani significa “rio dos botos”, outras fontes ainda afirmam que entre seus significados há também “boca grande” (logo, não se pode referenciar a origem “verdadeira” do nome). Porém, ainda que a origem etimológica do título continue enigmática, associações metafóricas com conceitos amplamente defendidos pela artista como assentamento; territorialização amazônica e submersão simbiótica se integram aos nomes do município e seu afluente, e dão contornos de significados próprios à performance *Uatumã*, emblemática tal qual a escolha ainda misteriosa de seu título.



Figura 9 - *Uatumã*, de Luciana Magno (2023). Pigmento mineral sob papel de algodão. Dimensão: 45 x 30 cm.  
Fonte: Site de Janaína Torres.<sup>14</sup>

Visualmente, em *Uatumã*, Luciana Magno - aqui simbolizada por seus longos cabelos - aos pés de um urucuzeiro, sobre folhagens secas e galhos, a artista mescla a sua figura com um amontoado de colorau formando figurativamente uma espécie de "vulcão", como Luciana descreve. Em sua intencionalidade poética, os cabelos descem serpenteando o pequeno monte vermelho, com a premissa visual do magma vulcânico. A visualidade da performance foi estudada anteriormente pela artista em ensaios de aquarela sobre papel algodão, como visto na imagem da Figura 10.

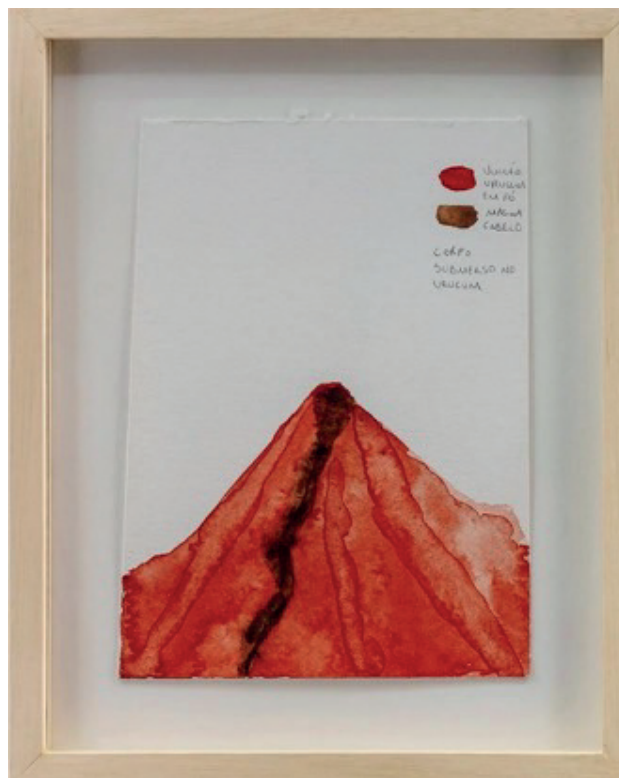


Figura 10 - *Estudos para performance 02*, de Luciana Magno (2023). Aquarela em papel algodão. Dimensão: 19,50 x 14 cm.  
Fonte: Site de Janaína Torres.<sup>15</sup>

Luciana, silenciosa, submergida no conglomerado vibrante de urucum é um retrato da simbiose na natureza multiespécie. Aqui, a artista e seu processo vinculam-se ao que Haraway (2008, p. 4) defende: "ser um é sempre se tornar com muitos." Na imagem, Magno está poeticamente em vias de tornar-se urucum e o urucum em vias de tornar-se Magno. "Ser um" em *Uatumã* pressupõe que a mulher se comunique com a natureza de "muitos" em uníssono na linguagem da Arte, gerando também uma ficção científica ou mesmo uma metáfora de corporalidade.

A troca mútua que se estende da matéria da artista à matéria de urucum é marcadora do enredamento que ata as existências dos seres no ecossistema. Atados, o vermelho vivo do colorau pulsa na mesma frequência do vermelho ferroso no sangue de Luciana: o sangue; a menstruação; o parto o magma que brota do manto terrestre e jorra incandescente na superfície; as vidas fluem por líquidos vermelhos de urucum.

O pó carmim intenso é sutilmente agitado à medida que a mulher se aconchega em sua superfície macia, a respiração de Luciana faz rodopiar partículas de fubá e urucum diante de seu rosto. O perfume agradável da semente torrada se espalha e anuncia que existe tanto colorau no chão quanto no ar. Por consequência, nos pulmões de Luciana começam também a rodopiar, em seus brônquios, nuvens de fragmentos invisíveis de urucum e farinha de milho.

Ao mesmo tempo, os átomos do corpo de Magno fazem trocas de elétrons formando pontes que se estendem até o núcleo do monte de colorau. Mutuamente, há tanto colorau em Luciana, quanto Luciana no colorau, moldando-se um ao outro. Quanto a isso, Haraway (2008, p. 4) esclarece: “Os parceiros não precedem o encontro; espécies de todos os tipos, vivas ou não, são consequentes de uma dança de encontros que molda o sujeito e o objeto”.

Na “dança de encontros” que a autora exprime, podemos extrair desde os movimentos mais imperceptíveis da natureza molecular, até os macros movimentos dos fenômenos naturais. Deitar-se sobre um agrupado de colorau é antes, estar deitada sobre a “dança de encontros” do tempo: as conexões dos meses de espera pela maturação; das chuvas que irrigaram as raízes; do sol que alimentou cada célula vegetal; dos ventos que sopraram as folhas secas; dos insetos que polinizaram as flores, e das mãos que cuidadosamente destacaram as sementes do fruto.

Fazendo sombra sobre o topo do pequeno “vulcão”, se ergue o urucuzeiro. Os frutos na copa já secos e entreabertos anunciam que a próxima colheita acontecerá em breve, sussurrando a previsão do colorau que ainda não é, mas está em vias de fazer-se: “devir-colorau”. No chão sob a base do monte, há folhas, galhos, cabelos de Luciana e tantos outros ingredientes que formam a mistura de matéria orgânica necessária para a nutrição da planta mãe. Um ciclo que une todos estes agentes igualmente em prol da constituição de novas formas de vida simbióticas em constantes vias de transformarem-se. Desse movimento cíclico de renovação, eclodirão

frutos com átomos tão humanos quantos os de Luciana Magno e tão vegetais quanto os de um urucuzeiro: “devir mulher-urucum”.

Em *Uatumã*, a artista opta por não tingir o próprio corpo com o pigmento do urucum (como protagonizado por povos originários em rituais, festividades, preparativos, etc.). Seu objetivo não era tingir-se, mas submergir na cor, assim como é possível submergir-se nas águas do rio Uatumã. Luciana na época recém afogada no temor humano sobre a natureza pandêmica invisível; agora poeticamente submersa e taciturna, ela dialoga com os organismos do bioma, e em estado quase meditativo ouve os murmúrios da natureza em resposta.

Estudar os caminhos das pesquisas poéticas de Luciana Magno evidencia que, dentro das relações simbióticas atadas entre a artista e o bioma: os “Outros” – após longos períodos históricos de silenciamentos – falam entre si. Por meio das pontes artísticas da performance devires se entrecruzam, e trocas moleculares comunicativas se estabelecem. Mas o que dizem?

Os segredos linguísticos do idioma da natureza são abordados nas Artes Visuais a partir da observação da grandiosidade escondida por entre as sutilezas comuns do existir: nas pontas dos dedos de cada indivíduo estão discretamente dispostos os mesmos átomos de estrelas que, ao morrerem, dispersaram no universo os elementos que hoje compõem, igualmente, a estrutura de planetas inteiros e os filamentos da menor folha de urucum. A comunicação da natureza multiespécie sempre encontra meios de nos dizer: “nós”.

E para responder à questão “como posso ouvir?”, voltemo-nos uma última vez à Haraway (2008, p. 19) e seus conceitos de “amarragens” das espécies em encontro. À luz da autora, compreende-se que os diálogos multiespécies não acontecem no âmbito da fala humana, impor isso seria retroceder às divisões antropocêntricas. Comunicar-se entre espécies é sinônimo de amarrar-se; de “tornar-se com”; em um encontro interespécies que exige considerações e respeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teórico-empírico e qualitativo que pauta este breve diálogo envolveu pesquisas bibliográficas, documentais e de campo dentro do âmbito das pesquisas sobre Artes em comunicação com demais áreas afins. A abordagem metodológica delineou as relações entre a linguagem poética da pesquisa *Uruku* (2021-presente) de Luciana Magno, seus estudos, experimentações e produções visuais. E a este arcabouço foram atados os conceitos-chave apresentados pelos autores Donna Haraway (2008), Jacques Derrida (2002) e Fábio Sússekind (2018), bem como de demais autores que enriqueceram esse debate.

A vaidade humana criou a necessidade antropocêntrica de distanciamento da relação homem e natureza. Transformações sociais e tecnológicas foram basilares nesse processo, e as circunstâncias de catástrofes biológicas contemporâneas foram decisivas para o agravamento dessa conjuntura de divisões. Para tanto, o humano criou os “Outros”: agentes subalternizados impossibilitados de construir relações igualitárias com o homem. Neste artigo, os “Outros” mulher e natureza foram destacados e, mais precisamente, foi esquadrihada a relação comunicativa que se delineia artisticamente entre ambas as formas de vida.

Quanto às delicadezas nas entrelinhas destes ligamentos, Luciana Magno em sua pesquisa poética materializa o esquadrihamento das minúcias das vidas; das conexões e das culturas que se estabelecem nas trocas entre as “espécies-outras-que-humanas” (Sússekind, 2018, p. 160). Por meio dos diversos entrelaçamentos poéticos entre mulher e urucum, em seus registros: *Estudos para performance 01*; *Estudos para performance 02*; *Uruku - 2º ato*; *Uruku - 4º ato*; *Uruku 2*, entre outros, assim como em sua performance *Uatumã* (2023). Luciana diligentemente lança luz sobre uma visualidade artística experimental de performances que são exemplos visuais potentes de que a sinergia entre os seres é fundamental para ouvir e participar destes diálogos interespecíficos. As suas palavras em entrevista, bem como os seus produtos visuais denotam a essencialidade

de não apenas se permitir observar e tocar o ecossistema, mas encontrar meios de submergir a fim de tornarem-se um.

A vida multiespécie questiona os exclusivismos humanos e lança luz sobre a incontestável simbiose entre os organismos em constante (e rica) troca comunicativa. Entre os filamentos dos fungos; as moléculas vibrando no ar; as células dos mamíferos; as movimentações eletromagnéticas; e os cabelos de Luciana, existe uma unidade nuclear. Essa unidade plural, longe de ilustrar uma universalidade linear, demarca com tinta de urucum as reentrâncias dos entrelaçamentos dos seres vivos e não vivos: um novelo carmim de devires no universo.

Ouvir o ecossistema é a espinha dorsal que sustenta a proposta de uma vida multiespécie. É imprescindível estar atento às nuances entre formas de vida que confirmam que a natureza é o todo do qual, enquanto humanidade, fazemos parte integralmente. As Artes Visuais, como no caso de *Uatumã* (2023), são potentes meios de abrir caminhos para essa conversação. Mas, antes de pretensiosamente colocarmo-nos em posição de inquiridores da natureza (em busca de respostas para as questões humanas que nos atormentam em tempos de catástrofes) é necessário, antes, submergir-se em silêncio, em estudos e saberes localizados.

Por fim, também atada aos fios dos devires no universo, encontra-se este presente projeto de pesquisa *Sujeitos estéticos femininos- Elieni Tenório e Luciana Magno: Rizomas de memórias e poéticas*, do qual este texto advém. Projeto este que se atém à contemplação e esquadrihamento dos múltiplos fios de conectividades que se estendem entre as linguagens poéticas de Elieni Tenório e Luciana Magno e os universos interpretativos estético-filosóficos. A fim contribuir para o campo das pesquisas sobre Artes Visuais dentro dos recortes dos estudos interdisciplinares das representações dos femininos nas Artes em interlocuções científicas e sensíveis. Esta pesquisa, assim como a pesquisa de Luciana, não busca pontos finais, mas linhas de conexão. Não buscamos entender os fios, mas estendê-los. Atemo-nos.

## REFERÊNCIAS

ANTROPOCENTRISMO. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/antropocentrismo/>>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRITTES, Blanca; TESSLER, Elida (org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

DARWIN, Charles. **On the origin of species by means of natural selection or the preservation of favored races in the struggle for life**. 6. ed. Nova York: Appleton, 1875.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, v. 1. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, v. 4. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou** (A seguir) 2. ed. São Paulo: EDUNESP, 2002.

DOLPHIJN, Rick. Ficando com o problema - entrevista com Donna Haraway. **Ilha - Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 3, e96024, p. 107-115, set. 2023. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/374133665\\_Ficando\\_com\\_o\\_Problema\\_-\\_Entrevista\\_com\\_Donna\\_Haraway](https://www.researchgate.net/publication/374133665_Ficando_com_o_Problema_-_Entrevista_com_Donna_Haraway)>. Acesso em: 25 abr. 2025.

FRANCO, Camilo Flamarion Oliveira; SILVA, Fabiano de Cristo Pereira da; CAZÉ FILHO, Jorge; BARREIRO NETO, Miguel; SÃO JOSÉ, Abel Rebouças; REBOUÇAS, Tiyoco Nair Hojo; FONTINÉLLI, Ivan Sérgio Campos. Etnobotânica e Taxonomia do Urucuzeiro [artigo em Hypertexto]. **Infobibos - Informações Tecnológicas**, [s.l.], 25 fev 2008. Disponível em: <[http://www.infobibos.com/Artigos/2008\\_1/UrucumTaxon/index.htm](http://www.infobibos.com/Artigos/2008_1/UrucumTaxon/index.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2025.

HARAWAY, Donna J. **When the species meet**. 3. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HARAWAY, Donna J. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

KLAUTAU FILHO, Mariano. **Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia: todo corpo em deslocamento tem trajetória**. 13. ed. Belém: Céu Caótico, 2024.

MANESCHY, Orlando Franco. Luciana Magno, um corpo movente na Amazônia. **Croma, Estudos Artísticos**, Lisboa, v.5. n.10, p. 20-27, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/a4d17360-20ab-45df-a7cd-3e864cf319e9>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

ORTIS, Brenda; OLIVEIRA, Elida. Ministério da saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil. **Globo.com**, Brasília, 26 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SIMBIOSE. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/simbiose/>>. Acesso em: 9 abr. 2025.

SÜSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.69, p. 159-178, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145638>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atividade. Tradução de Susana Dias. Incertezas, ano 3, n.7. In: **ClimaCom Cultura Científica**. Campinas, ano 3, n.7, p. 39-66, 2016. Disponível em:

<<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/estudos-multiespecies-cultivando-artes-de-atividade>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

URUCUM. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/urucum/>>. Acesso em: 25 abr. 2025.

## IMAGENS

MAGNO, Luciana. Uruku. 2022. **Instagram**: @lucianamagno. Disponível em: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17978539712229266/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MAGNO, Luciana. Vídeos de Luciana Magno. **Vimeo.com**. Disponível em: <<https://vimeo.com/user18147137/videos>>. Acesso em: 22 out. 2025.

TORRES, Janaina. Entroncamento, o desejo da natureza que une Luciana Magno, Paula Juchem e Pedro David. **Janaína Torres** [site]. São Paulo, 1 ago. 2023 Disponível em: <<https://janainatorres.com.br/em-entroncamento-o-desejo-da-natureza-que-une-luciana-magno-paula-juchem-e-pedro-david/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

TORRES, Janaina. Entroncamento: Luciana Magno, Paula Juchem e Pedro David, obras. **Janaína Torres** [site]. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://janainatorres.com.br/exposicoes/entroncamento-luciana-magno-paula-juchem-e-pedro-david/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

## Documento sonoro

MAGNO, Luciana. Entrevista não publicada concedida à Dayane da Silva Pinheiro sobre a exposição no MUFPA. Belém, 23 de maio de 2024a. Mídia: Mp3. Acervo das autoras. Duração: 19min 55s.

MAGNO, Luciana. Entrevista não publicada concedida à Dayane da Silva Pinheiro. Belém, 25 de maio de 2024b. Mídia: Mp3. Acervo das autoras. Duração: 40min 57s.

MAGNO, Luciana. Entrevista online, não publicada, via Whatsapp, concedida à Dayane da Silva Pinheiro. sobre *Uatumã*. Belém, 1º de abril de 2025. Mídia: Mp3. Acervo das autoras. Duração: 3min 57s.

## Notas

<sup>1</sup> Este texto integra uma pesquisa de mestrado, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGArtes-UFPA), intitulada *Sujeitos estéticos femininos - Elieni Tenório e Luciana Magno: Rizomas de memórias e poéticas*, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Marques de Britto. A pesquisa se insere na linha de pesquisa *Memórias, Histórias e Educação em Artes*. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Define-se “Urucum” como “Árvore da família das bixáceas, do gênero *Bixa orellana* L., de origem sul-americana ou da América tropical, sendo sua semente muito usada como corante ou em pinturas indígenas, por ter uma semente revestida por uma polpa avermelhada; urucueiro, urucuuba, urucuzeiro. O fruto dessa árvore ou substância que reveste esse fruto, muito utilizada na fabricação de corantes vermelhos e amarelos” (Urucum, 2025).

<sup>3</sup> Título traduzido da obra *When the species meet* (Haraway, 2008).

<sup>4</sup> Referência ao termo “Outro” no livro *O animal que logo sou* (Derrida, 2002, p. 15): “Há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha? Que animal? O outro.”

<sup>5</sup> Define-se “Simbiose” como “Associação de dois ou mais seres que, embora sejam de diferentes espécies, vivem conjuntamente, com vantagens recíprocas e são caracterizados como um só organismo...” (Simbiose, 2025).

<sup>6</sup> Referência ao conceito de “Devir”, de Deleuze e Guattari (2011, p. 11): “O devir está sempre ‘entre’ ou ‘no meio’ [...] sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se...”.

<sup>7</sup> Referência ao conceito de “Seleção Natural”, da obra *A origem das espécies: a origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida* (Darwin, 1875).

<sup>8</sup> No âmbito da pesquisa sobre Artes Visuais, a abordagem teórica versa sobre os parâmetros entre a história da arte e a crítica de arte, tendo como fonte a obra, como documento. E a pesquisa em poéticas refere-se ao processo de instauração da obra de arte (Brites; Tessler, 2002).

<sup>9</sup> Texto publicado na *Climacom*, em 2016, traduzido por Susana Dias.

<sup>10</sup> Define-se “antropocentrismo” como “Ideologia, ou doutrina, de acordo com a qual o ser humano é o centro do universo, de tudo, sendo ele rodeado por todas as outras coisas” (Antropocentrismo, 2025).

<sup>11</sup> A descrição pode ser observada na Figura 9, *Uatumã*, e na Figura 10, *Estudos para performance 02*.

<sup>12</sup> “*Expérience*, do francês, que também é sempre experiência e experimentar”, conforme explicitado por Haraway na entrevista concedida a Rick Dolphijn (2023, p.12) e traduzida em *Ilha - Revista de Antropologia*.

<sup>13</sup> Referenciando os conceitos da obra *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, v. 4 (Deleuze; Guattari, 1997, p. 55).

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17978539712229266/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>15</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CWdqzG6LmgQ/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CWdqzG6LmgQ/?img_index=1)>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17978539712229266/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://janainatorres.com.br/exposicoes/entroncamento-luciana-magno-paula-juchem-e-pedro-david/#obra-18>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://vimeo.com/845418892>>. Acesso em: 22 out. 2025.

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://vimeo.com/1046786567>>. Acesso em: 22 out. 2025.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://janainatorres.com.br/exposicoes/entroncamento-luciana-magno-paula-juchem-e-pedro-david/#obra-21>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17978539712229266/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://janainatorres.com.br/exposicoes/entroncamento-luciana-magno-paula-juchem-e-pedro-david/#obra-22/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://janainatorres.com.br/exposicoes/entroncamento-luciana-magno-paula-juchem-e-pedro-david/#obra-19>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

## **SOBRE AS AUTORAS**

*Dayane da Silva Pinheiro* é graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestranda em Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-UFPA). Integra o Grupo de Pesquisa *Arte, Memórias e Acervos na Amazônia* (CNPq/UFPA), coordenado pela professora doutora Rosângela Marques de Britto. ORCID: <<https://orcid.org/0009-0009-0295-4901>>. E-mail: [dayane.pinheiro@ica.ufpa.br](mailto:dayane.pinheiro@ica.ufpa.br)

*Rosângela Marques de Britto* é professora associada da Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando na Faculdades de Artes Visuais (FAV) e Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) do Instituto de Ciências da Artes (ICA). Artista Visual e museóloga. Líder do Grupo de Pesquisa *Arte, Memórias e Acervos na Amazônia* (CNPq/UFPA). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-9458-3515>>. Email: [rosangelamarquesbritto@gmail.com](mailto:rosangelamarquesbritto@gmail.com)

Recebido em: 30/4/2025

Aprovado em: 6/11/2025